Pesquisa de Campo nº 2
Reprodução autorizada por Maurício Murad para publicação no Ludopédio
(www.ludopedio.com.br)

O Lugar Teórico da Sociologia do Futebol*

Mauricio Murad**

"O Futebol não é uma questão de vida ou de morte. É muito mais importante que isso."
Bill Shankly, técnico legendário do Liverpool.

A Sociologia do Futebol é uma sociologia especial, como a Sociologia do Romance ou a Sociologia Jurídica. E assim como elas também são partes específicas de sociologias especiais mais amplas - a Sociologia da Arte e a Sociologia Política, respectivamente, - a Sociologia do Futebol se inscreve epistemológica, teórica e metodologicamente no campo do saber da Sociologia do Esporte.

No mundo contemporâneo, os esportes de uma maneira geral redefiniram seu lugar como instituição social, nos últimos cem anos, aproximadamente. E só no pós-Segunda Guerra, nos últimos cinqüenta anos, portanto, é que readquiriram importância de ponta, numa escala crescente, de tal modo que poder-se-ia comparar à importância que as práticas esportivas tinham na Grécia clássica. Embora tendo configurações culturais distintas, como também distintos eram os contextos, mas semelhantes no que diz respeito ao prestígio social. Em nosso mundo pós-moderno, certamente, um prestígio superior àquele, uma vez que

** Este ensaio é o resumo de algumas das idéias básicas da I Unidade do livro de minha autoria* **Dos Pés à Cabeça - Teoria Básica em Sociologia do Futebol**, *título provisório, no prelo.*

*** Do Departamento de Ciências Sociais da UERJ. Fundador e coordenador do Núcleo de Sociologia do Futebol CIS/IFCH/UERJ.*
Autor do livro **Todo Esse Lance Que Rola - Uma História de Namoro e Futebol**, *Editora Relume-Dumará, 1994.*

além do caráter mítico, heróico, emblemático de um povo, o esporte assume, hoje, expressões econômicas e, sobretudo, mercadológicas, desconhecidas, inimagináveis para os gregos, que nem sempre "nos governam de além dos próprios túmulos desfeitos", conforme postulação poética de Fernando Pessoa.

Tal relevância que o esporte - destacadamente o futebol - alcançou na segunda metade de nosso século, não corresponde, é lamentável, ao crescimento do valor que as Ciências Sociais emprestaram à sua problematização, enquanto objeto de investigação e produção de conhecimento científico. A opinião antológica de Friederich von Schiller, de que as diferentes modalidades de esporte ajudam a explicar os povos, é reveladora da grandeza que assumiu o esporte, como parte integrante e explicativa das culturas e como fato social (para usar uma expressão durkheimiana) imprescindível, articulador do entendimento do *ethos* de um povo.

1 Ver Helal, Ronaldo "O que é Sociologia do Esporte" - Editora Brasiliense, 1990.

Tal relevância que o esporte - destacadamente o futebol - alcançou na segunda metade de nosso século, não corresponde, é lamentável, ao crescimento do valor que as Ciências Sociais emprestaram à sua problematização, enquanto objeto de investigação e produção de conhecimento científico.

De modo geral a chamada Sociologia do Esporte[1] -, ganhou status mais proeminente no mundo nas últimas duas ou três décadas. Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, Japão, são exemplos consideráveis. No Brasil, somente agora, no final do século, dá os seus primeiros passo. Firmes, porém iniciais. Em que pese Rui Barbosa ter defendido, já em 1882, a implantação generalizada entre nós da Educação Física, somente a atual Constituição, de outubro de 1988, pela primeira vez em nossa história, consagra em seu texto - artigo 217 -, que a prática dos esportes é dever do Estado e direito do cidadão.

Enquanto particularização teórico-metodológica de uma sociologia do esporte no Brasil, é que estamos realizando gestões no campo da pesquisa e do ensino, no sentido de construir um Sociologia do Futebol, entre nós. Não do esporte, de uma maneira geral, mas do futebol especificamente e isto em razão de sua

exponencial importância para cultura popular planetária e, mais ainda, para a cultura brasileira. Como o rito maior de nossa cultura popular, como metáfora e metalinguagem da existência social no Brasil, o futebol, bem como todas as suas implicações para além das quatro linhas, merece ser estudado aprofundadamente e em caráter permanente pelas Ciências Sociais, obedecendo a uma abordagem metodológica transdisciplinar, resultante que é da articulação complexa, fecunda e altamente produtiva entre múltiplos saberes. Transdisciplinaridade possui uma qualidade teórica diferente e superior às tradicionais inter ou multidisciplinaridade. Metodologicamente funda novas instâncias, novas categorias, novos conceitos.

Esta é uma tarefa que as Ciências Sociais e a universidade brasileira têm que dar conta já. Responder a este grande desafio (em caráter permanente, insisto), é missão histórica de peso, em relação à qual já temos dívidas e já estamos tão atrasados. E os resultados, óbvio, serão - já estão sendo - radicalmente proveitosos, na medida em que estamos dando tratamento a uma "verdade" nossa. E a verdade, como preconizou Gramsci, é sempre revolucionária.

Transdisciplinaridade possui uma qualidade teórica diferente e superior às tradicionais inter ou multidisciplinaridade. Metodologicamente funda novas instâncias, novas categorias, novos conceitos.

Contudo não temos a pretensão de esgotar todos os patamares e possibilidades cognitivas dessa "verdade" da cultura brasileira, que é o futebol., Claro que não! Esta é tarefa de envergadura grandiosa, que tem de ser tentada, que vai se construindo e reconstruindo; que exige processo, continuidade, trabalho coletivo, diversificado e história de acumulação em experiências de pesquisa, ensino e democratização/socialização de resultados. Acertar, claro, é uma meta, um desejo a ser alcançado, mas não obrigatoriamente uma pacífica conquista. Há contradições, há diferenças, há polêmicas que aparecerão e que tem de aparecer e é bom que

apareçam, pois são produtivas para a prática teórica. O fato de acertamos na escolha do tema, não garante o acerto automático em relação aos resultados obtidos. Além disso, pela longitude e pela latitude que alcança a temática do futebol, enquanto objeto de estudo, poderíamos parafrasear T. S. Eliot, naquilo que falou em relação ao maior dramaturgo de todos os tempos: "Nunca acertamos na íntegra , quando se trata de alguém tão grande como Shakespeare."

O trabalho é muito, os operários são poucos. Esta proclamação bíblica, nos serve de referência para uma tarefa paralela que se nos impõem, que é a de divulgação, formação e multiplicação de novos pesquisadores, para fazer crescer a massa crítica em dois sentidos distintos, mas complementares: contingentes renovadores de pessoas e de produção de conhecimentos. É preciso motivar o surgimento multifacetado de novos projetos, de publicações especializadas, de novos cursos e disciplinas na graduação e na pós-graduação, de debates e troca de informações. É necessário ousar um fazer teórico e um fazer prático, criativos e originais, para inventarmos a Sociologia do Futebol por aqui. A esperança é grande, mas ela deve ser apenas o ponto de partida e não o de chegada também, pois como ensinou Francis Bacon "a esperança é um bom desjejum, mas uma mau jantar".

É necessário ousar um fazer teórico e um fazer prático, criativos e originais, para inventarmos a Sociologia do Futebol por aqui.

* * *

O futebol, como segmento da cultura, é a síntese dinâmica da estrutura social maior e, portanto, uma via de acesso privilegiada para a investigação sociológica acerca das forças sócio-históricas dominantes na realidade brasileira. É eloqüente objeto de estudo e caminho direto para a compreensão da lógica interna da rede de relações

que forma a vida brasileira. Por isso a Universidade não pode continuar distanciada deste (e de outros também) notável laboratório de análise, sem o que fica difícil eliminar sua mácula ideológica mais perversa: "Não sendo do povo, nem feita para o povo, nada tem a ver com aquilo que define por excelência o povo..."[2]

Esta afirmação é verdadeira, embora não seja uma verdade monolítica, Há muito mais complexidade e facetas possíveis para exame. Há legiões inteiras de pesquisadores, de professores, de escritores, que lutam no sentido de superar tal obstaculo, que é, a um só tempo, político e epistemológico. Deserção e descontinuidade, eis os problemas maiores de nossas fileiras nesta luta. Um embate que se situa tática e estrategicamente, no terreno do contra-espaço ideológico das instituições. No bojo desses combates políticos e teóricos, inúmeros projetos, diversa propostas, vêm se avolumando, tomando corpo. Muitas iniciativas implementadas no interior da Universidade brasileira, são essenciais, indispensáveis, porque materializam essa perspectiva de mudança, de afirmação dos temas da cultura popular, como objetos refinados, nobres, equivalentes a quaisquer outros já consagrados na pesquisa das Ciências Sociais.

E é neste ponto, justamente aqui, que adquirem maior relevância, ainda, as múltiplas possibilidades temáticas emergentes do futebol. Relevância dupla: meio de compreensão científica da cultura e da sociedade brasileiras e contribuição, co-participação, nesse processo de enfrentamento, de desestigmatização, para dilatar as fronteiras da Universidade. E, como assinalado anteriormente, isto resgata e dá prosseguimento à tendência presente na história das ciências da cultura, no século XX.

A problematização do lúdico, enquanto objeto de

2 Pinto, Álvaro Vieira - " A Questão da Universidade" - Cortez, Autores Associados, 1986.

O futebol, como segmento da cultura, é a síntese dinâmica da estrutura social maior e, portanto, uma via de acesso privilegiada para a investigação sociológica acerca das forças sócio-históricas dominantes na realidade brasileira.

investigação sociológica, como também de sua forma socialmente organizada, o esporte, é considerada, hoje, imprescindível, para o entendimento da totalidade do social. Parte integrante da dinâmica estrutural das sociedades, uma vez que historicamente não há organização social que não pratique e com motivação e destaque, alguma modalidade de brincadeira, jogo ou esporte. É este caráter universal, que incorpora mais consistência epistemológica à cientificidade da Sociologia do Esporte, como generalização e à Sociologia do Futebol, como particularização.

O futebol é a maior paixão popular do planeta e, no caso brasileiro, assume dimensão ímpar, por ser uma das raízes centrais de nossa identidade, indispensável para uma compreensão globalizante de Brasil.

"... é que a cultura surge sob a forma de jogo, que ela é, desde seus primeiros passos, como que 'jogada'. Mesmo as atividades que visam à satisfação imediata das necessidades vitais, como por exemplo a caça, tendem a assumir nas sociedades primitivas uma forma lúdica. A vida social reveste-se de formas suprabiológicas, que lhe conferem uma dignidade superior sob a forma de jogo e é através deste último que a sociedade exprime sua interpretação da vida e do mundo."

"Portanto é desde o início, que se encontram no jogo os elementos antitéticos e agonísticos, que constituem os fundamentos da civilização, porque o jogo é mais antigo e muito mais original do que a civilização."[3]

3 Huizinga. Johan - "Homo Ludens", Editora Perspectiva. 1990.

O futebol é a maior paixão popular do planeta e, no caso brasileiro, assume dimensão ímpar, por ser uma das raízes centrais de nossa identidade, indispensável para uma compreensão globalizante de Brasil. O futebol é um esporte repleto de significados, de simbologias, de valores para a existência humana em geral e, de forma singular, para os modos históricos de sua manifestação no interior da sociedade e da cultura brasileiras. Logo é impostergável a sua assimilação à pesquisa e análise sociológicas permanentes, como parcela integrante e necessária de nosso cotidiano. O futebol é um instante

muito especial das celebrações ritualísticas da cultura brasileira e por isso tem capacidade e envergadura para metaforizar o país. A liturgia sociológica e antropológica do futebol é um exercício espetacular - inclusive no sentido estético do termo - de cidadania. É um laboratório de observação e experiências, da afirmação de uma coletividade. Espaço público para o desenvolvimento vivenciado, experienciado, como preferiu K. Lewin, dos laços de solidariedade, que são essenciais para a construção da "sociabilidade" (M. Mauss) ou "das relações entre os homens" (K. Marx).

Por um ângulo sociológico, o futebol possibilita a vivência prática das categorias de totalidade e de integralização da dialética complexa e contraditória entre o individual e o coletivo. Por um ângulo psicológico permite, também, a vivência concreta da totalidade e da integralização dialética entre razão e emoção.

"Em uma das obras clássicas da Sociologia, Émile Durkeim sugere que a religião é menos importante como um conjunto específico de crenças e divindades, do que como uma oportunidade para a reafirmação pública da comunidade... Apesar da ausência de vínculos sangüíneos, os homens da tribo sentem que estão relacionados entre si porque partilham um totem. O culto a uma equipe esportiva, como o culto a um animal, faz com que todos os participantes se tornem altamente conscientes de pertecerem a um coletivo. Ao aceitarem que uma equipe em particular os represente simbolicamente, as pessoas desfrutam de um parentesco ritual, baseado nesse vínculo comum".

A liturgia sociológica e antropológica do futebol é um exercício espetacular - inclusive no sentido estético do termo - de cidadania.

A autora do texto acima, é a socióloga norte-americana Janet Lever. O livro de sua autoria é "A Loucura do Futebol".[4] A "obra clássica" a que se refere é a de Durkheim "As formas elementares da vida religiosa".

4 Lever, Janet- "A Loucura do Futebol". Editora Record. 1983.

A leitura de Lever, nos levou a uma releitura - pormenorizada e criteriosa - d'As formas elementares de Durkheim. Conclusão: a conclusão de Janet Lever é sutil e correta. Como ela mesma diz, Durkheim não diz mas sugere. E sugere de forma clara, embora como texto subjacente e não manifesto. E o que sugere para o sistema de representações religiosas, nos serve para o rito do futebol.

Ao estudar as formas elementares da vida religiosa enquanto objeto de investigação, articulando sociologia da religião e teoria do conhecimento, Durkheim afirma que "nossa investigação não interessa apenas à ciência das religiões. Com efeito, toda religião tem um lado pelo qual ela ultrapassa o círculo das idéias propriamente religiosas e, através disto, o estudo dos fenômenos religiosos fornece um meio de renovar problemas, que até o presente, não foram debatidos senão pelos filósofos".

Assim, também, a finalidade máxima da Sociologia do Futebol é a de estudar os múltiplos jogos sociais presentes na região significacional do futebol, suas referências com o inconsciente coletivo, sua dimensão simbólica e não apenas a modalidade esportiva que acontece no interior das "quatro-linhas". O futebol é bem mais que uma prática desportiva: é a síntese complexa da cultura brasileira, é a sua metalinguagem.

Assim, também, a finalidade máxima da Sociologia do Futebol é a de estudar os múltiplos jogos sociais presentes na região significacional do futebol, suas referências com o inconsciente coletivo.

O **imprevisível** e a **improvisação**, por exemplo, que parecem diferentes, são etimologias que decolam do mesmo radical e representam fatores marcantes da celebração do rito futebolístico. Mais que isso, são representações ontológicas da vida humana e antropológicas da vida brasileira. Como se entender a existência humana e, em grau dramático, as relações sociais no Brasil, sem a inclusão das noções de imprevisível e improvisação? E como prescindir do espetáculo futebolístico, como lugar privilegiado para a

compreensão metafórica do imprevisível e da improvisação? São "categorias do entendimento", no sentido aristotélico da expressão, isto é, aquelas que correspondem às propriedades mais universais das coisas. Neste sentido, o futebol torna-se uma linguagem poderosa, auxiliar do discurso político e da pesquisa analítica tanto filosófica, quanto sociológica.

As representações descendentes do universo do futebol, são representações coletivas e arquetípicas de forte densidade simbólica para a realidade dos povos e de incalculável impacto para o imaginário humano. O próprio conceito de "representação coletiva", já oferece farto material a ser servido à interpretação das Ciências Sociais. Já na origem da elaboração teórica do conceito, "as representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação, que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para fazê-las uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas idéias e sentimentos; longas séries de gerações acumularam aqui sua experiência e seu saber" (E. Durkheim).

As representações descendentes do universo do futebol, são representações coletivas e arquetípicas de forte densidade simbólica para a realidade dos povos e de incalculável impacto para o imaginário humano.

E é nessa interação social de natureza cooperativa, recíproca e em todas as direções (conforme a postulação de J. Piaget), que pode estar a raiz elucidativa do processo, que por vezes causa estranheza e perplexidade, de como um povo mergulhado na extrema desigualdade, exploração e favelização, pode ser tão generoso, criativo, construtivo e alegre na festa do futebol.

Instante mágico e estético do comportamento de nosso povo, os festejos de rua em torno à Copa do Mundo (exemplo em grau máximo), fazem emergir camadas subterrâneas da etnicidade brasileira, cotidianamente reprimidas e excluídas pelas estruturas dominantes de nossa sociedade. Torna poder o que estava clandestino. Torna consciente o que estava inconsciente. E não é outro senão este o princípio

psicanalítico freudiano da "cura", da terapia libertadora, da superação revolucionária de traumas e bloqueios. Revolucionária, inclusive em sua acepção sociológica e, também, em sua acepção de origem, a qual é proveniente da Física.

O futebol é isso para os brasileiros, um misto de necessidades imediatas e práticas de luta e obtenção de resultados e objetivos, mas, ao mesmo tempo, a expressão da alegria e da arte popular.

O futebol permite uma fina sintonia entre o individual e o coletivo. Dentro e fora dos gramados. Dentro, a estrutura do jogo representa o ideal arcaico, clássico, greco-romano, de que a melhor atividade humana é aquela que mesmo sendo grupal, preserva o brilho da ação individualizada. Fora, no estabelecimento dos laços de inserção a um coletivo, a identidade individual é ritualisticamente socializada, sem se eliminar, contudo, a delicada e necessária idiossincrasia.

Um bom e didático exemplo a equação a seguir: "Eu sou Flamengo". "Eu sou Corinthians". "Eu sou...".

Eu = individualidade
Sou = identidade
Time = coletividade

O futebol permite uma fina sintonia entre o individual e o coletivo. Dentro e fora dos gramados.

No cerimonial do congraçamento popular, que uma Copa do Mundo proporciona, no interior do cenário público da decoração das ruas e da criação de espaços comunitários de lazer, a organização independente, o surgimento de conselhos coletivos, de lideranças espontâneas e legítimas (fatores básicos para o amadurecimento e consolidação políticas da democracia), são comprovações sociológicas de que o povo brasileiro é capaz e que as camadas populares têm existência real e concreta, apesar da sociedade brasileira, rigidamente hierarquizada, de modelo

concentrador e excludente, não oferecer para todos a tão desejada igualdade de oportunidades.

A afirmação da capacidade de trabalho e de criação cultural de um povo, é a afirmação de sua cidadania. O orgulho popular e a auto-estima são aspectos indispensáveis para um povo ser autônomo. E uma população autônoma é condição *sine qua non* para a construção política de um país livre e independente.

O universo do futebol oferece oportunidade extraordinária , para esse processo de aprendizagem e reaprendizagem, paradigma da pedagogia política e de forte impacto ideológico, uma vez que, embora apenas por um instante e paradoxalmente, há uma inversão do processo social maior. **Momento** revolucionário, esta quebra de hierarquia desconcentra o modelo hegemônico do *status quo*, tornando as relações sociais mais horizontalizadas, igualitárias e produtivas.

A resistência, mesmo quando alienada, sem um projeto estratégico e ausente de consciência política, ainda assim (e por definição) é resistência e, como tal, semente de libertação. Uma espécie de **phármakon**, de acordo com o conceito trabalhado por Jacques Derrida, inspirado em Platão, onde "veneno" e "remédio" se instalam na mesma presença semiológica. Uma semiologia política, sem dúvida.[5]

Como a modalidade desportiva[6] mais popular do mundo, o futebol cria espaços públicos permissíveis à experiências comunitárias sensacionais. Na singularidade do caso da cultura **da** massa (e não **de** massa) brasileira, fica comprovado que nenhuma outra manifestação tem paralelo com o futebol. Nem mesmo o Carnaval. Nem mesmo no que diz respeito ao **tempo** - nenhum outro evento dura o ano inteiro; nem ao **espaço** - há inúmeras cidades brasileiras, de pequeno e médio porte, que não conhecem o Carnaval, a não ser

5 Derrida, Jacques - "A Farmácia de Platão", Editora Iluminuras, 1991. Um dos textos mais famosos de Derrida, cuja publicação original é de 1972, como parte do livro "La Dissémination".

6 A demora da inclusão desta nota, sobre as polêmicas semântica e/ou conceitual, a respeito dos termos esporte e desporto, não foi por acaso. Entendo, data venia, *que é uma discussão bizantina, já que não há diferenciações de fundo que a justifiquem. Desporto é vocábulo comum em Portugal, bem menos no Brasil, onde predomina esporte. Desporto para nós é um "arcaísmo que Coelho Neto procurou reviver, quando se criou a respectiva Confederação", como informa João Lyra Filho (que optou por desporto) citando o mestre Antenor Nascentes, em "Introdução à Sociologia dos Desportos" - Bloch Edições, 1973.*

pela televisão; e nem quanto à sua natureza **democrática** - nenhuma de nossas manifestações culturais é mais aberta ao público do que o futebol.

As três instituições mais constantes da organização do espaço brasileiro, são um templo religioso, uma cadeia pública e um campinho de futebol. E isto em todos os lugares, pequeno, médio ou grande. Por vezes falta a cadeia e/ou o templo religioso, de qualquer seita que seja, mas o campinho está sempre presente - onipresente. Portanto o campinho é o espaço público mais perene na sociedade brasileira. Lugar permanente de lazer (a experiência francesa provou que a progressão do tempo disponível ao lazer, faz ampliar as taxas de produtividade), de encontros grupais, de domingadas familiares e namoros (com maior visibilidade nas micro e pequenas cidades e nas periferias dos grandes centros urbanos), conservando, deste modo, sua conjuntura inaugural, onde "o futebol prolongava aquele momento delicioso de depois da missa", segundo a narrativa elegante de Mário Filho, em "O negro no Futebol Brasileiro".[7]

As três instituições mais constantes da organização do espaço brasileiro, são um templo religioso, uma cadeia pública e um campinho de futebol. E isto em todos os lugares, pequeno, médio ou grande.

7 Filho, Mário - "O Negro no Futebol Brasileiro", Ed. Civilização Brasileira, 1964.

As atuais reedições daquele momento inicial, são, em verdade, superiores sociologicamente à própria matriz. Preconceituosa e racista, a primeira versão do nosso futebol foi capitaneada pela classe dominante, que liderava o projeto de ingresso do país na modernidade, referenciada nos centros hegemônicos do Capitalismo. As versões atuais, de sincretismo admirável, agasalham relações sociais espontâneas e substantivas, contrariamente àquelas formais e protocolares dos primeiros tempos.

A poderosa presença do futebol na cultura brasileira é ponto pacífico, é consenso inequívoco. É preciso que seja reconhecido, também, como ponto pacífico e consenso inequívoco, o processo irrecusável de sinergia

recíproca, existente entre Brasil e Futebol, de tal sorte que cada um empreste qualidade à releitura e ao repensar do outro. E tudo isso há que ser, como Tácito preconizou em relação à História, no início dos Anais: *sine ira et studio* - sem ódio nem parcialidade.

É importante reiterar, contudo, aquilo já dito no início, de que esta paixão não é só no Brasil. O futebol é o maior espetáculo da Terra, a FIFA é a maior e mais antiga associação de países do mundo e, um dado de extrema relevância, é o de que, mais do que qualquer outro, o futebol é considerado o esporte nacional por mais países e em escala sempre crescente.

A poderosa presença do futebol na cultura brasileira é ponto pacífico, é consenso inequívoco.

"A cultura popular torna-se especialmente importante nas nações em desenvolvimento, onde uma imagem distintiva pode forjar o senso de unidade no país. Os produtos de uma cultura que conquistam o reconhecimento internacional, representam um largo passo para a realização dessa integração."[8]

8 Lever, Janet - Obra citada.

O ato de "ser" um time ou de torcer por ele, ou ainda, de "pertencer" a uma coletividade esportiva, é um instante necessário e saudável do sentimento de inclusão a uma comunidade e a manifestação simbólica da integração e da participação na dinâmica da sociedade maior. É, pois, um ato político, no sentido clássico, aristotélico e, como tal, parte viva de um processo globalizante, de reaprendizagem sócio-cultural. Neste sentido é que a conclusão, segundo a qual futebol é sinônimo de alienação política e manipulação ideológica, é parcial, insuficiente e preconceituosa. Claro que pode ser e muitas vezes foi isso também, mas não somente e nem principalmente isso.[9] O uso do futebol como instrumento dos poderosos, não é "culpa" do futebol. As classes dirigentes usam e abusam de toda e qualquer manifestação da cultura que lhes convier, que puder servir a seus interesses, sejam econômicos, sejam

9 Podemos apontar como conjunturas mais marcantes de uso político do futebol, na história mundial mais ou menos recente, as seguintes: o fascismo italiano, com Mussolini, na década de trinta e o neofascismo brasileiro (Médici, principalmente) e argentino, ambos na década de setenta.

políticos, sejam ideológicos. H. Marcuse destacou com propriedade, que na história do século XX essa apropriação/utilização, é traço marcante do comportamento político da burguesia. Apropriação e utilização indiscriminadas, mesmo daquelas "palavras-de-ordem" (principalmente delas) mais radicalmente anti-burguesas, para desnaturá-las, diluí-las e redirecioná-las. E isso de forma ampla, geral e irrestrita, em relação a toda e qualquer manifestação cultural: da fissura do átomo ao ensino da história, da descoberta do avião ao futebol.

É interessante observar que a utilização de alguma coisa só pode ocorrer, quando ocorre antes a sua apropriação. Por conseguinte a utilização é posterior à apropriação, isto é, o ato político de tomar aquilo que pertence a outrem - e que pertence por origem ou por recriação cultural.

A importância sociológica do futebol está no fato dele ser jogo e, mais do que uma **modalidade de jogo, o futebol é** o **jogo por excelência, tradutor juramentado de culturas e sociedades humanas.**

A apropriação da classe dominante, sobre a cultura popular, é ação eminentemente bélica, porque há que ser precedida pela invasão e assegurada pela força da dominação. E uma classe dirigente só "declara" uma guerra dessas, quando o interesse da disputa vale a pena, ou seja, já representa e muito na alma popular. A burguesia somente entra na guerra, se o ganho já estiver bem calculado e se considerável for seu lucro. Só investe se o bônus compensar o ônus. E só investe naquilo que é comprovadamente forte e representativo na simbologia popular, sem o que não valeria a pena, resultado pequeno não compensa.

Então primeiro é do povo - por origem ou por recriação cultural, samba e futebol, respectivamente - para depois, somente depois, se constituir como objeto (possibilidade) de manipulação das elites. Não considerar esse princípio analítico é estreitar a interpretação, tornando-a insuficiente e preconceituosa. O futebol, portanto, funciona como alternativa para se estudar a

cultura popular, as relações políticas entre as classes e o processo de sedimentação ideológica do poder.

A importância sociológica do futebol está no fato dele ser jogo e, mais do que **uma** modalidade de jogo, o futebol é **o** jogo por excelência, tradutor juramentado de culturas e sociedades humanas. O Futebol é o ritual de maior substância da cultura brasileira, metáfora privilegiada de nossas estruturas básicas. Assim elaborar uma Sociologia do Futebol no Brasil, é oferecer importante contribuição a uma Sociologia Geral da sociedade brasileira.